

# PLATÔS JOVENS – MICROPOLÍTICAS

## YOUNG PLATEAUS – MICROPOLITICS

Norma Takeuti<sup>1</sup>



### RESUMO

Aspectos teóricos que sustentam as análises que empreendo no campo da juventude contemporânea ganham centralidade neste artigo. Na parte empírica, resgato um tipo de experimentação social cujas atuações jovens estão situadas localmente a fim de relacioná-las às experimentações que ocorrem em uma esfera mais ampliada, a chamada esfera “global”, referida a determinados acontecimentos da atualidade cuja configuração é a de uma multidão. A proposta é de compreender as duas esferas de ação (micro e macrosociológica) como um “fenômeno único” a partir das abordagens de Gabriel Tarde, Gilles Deleuze e Félix Guattari, bem como a de Michel Foucault; e, tendo por esteio, para esse empreendimento analítico, as problematizações de M. Lazzarato que, por sua vez, obtém naqueles autores o seu suporte teórico fundamental para as suas análises dos acontecimentos atuais nas sociedades capitalistas. Privilegia-se a noção de acontecimento, enquanto um “campo dos possíveis”, que nos desloca da ideia de que as relações dependem de uma essência.

**Palavras-Chave:** Experimentações sociais. Juventude. Acontecimento. Processos de subjetivação. Multidão.

### ABSTRACT

In this paper we intend for deepening analysis in the subject of contemporary youth and its theoretical aspects that aim to sustain our analysis. Empirically, we make use of a social experimentation whose youth actuation is locally situated in order to be related to experimentations that take place in a broaden sphere, here known as “global”, which refer to several current events whose arrangement is of a multitude. This paper aims at understanding and updating both spheres of action (micro and macrosociological) as a “single phenomena” basing our view on Gabriel Tarde’s, Gilles Deleuze’s, Félix Guattari’s and Michel Foucault’s approaches and as its foundation, we assess the problems borne by M. Lazzarato that, therefore mirror his studies of current events in capitalist societies in those authors’ contributions. The focus is the notion of event as a “field of possible”, moving us from the perspective that relations rely on a very essence.

**Keywords:** Social Experimentations. Youth. Event. Processes of Subjectivation. Multitude.

<sup>1</sup> Norma Missae Takeuti é Professora titular da UFRN – Ciências Sociais. Docente-pesquisadora do PPGCS-DCS-UFRN. Coordenadora do Grupo de Estudos – Culturas e Subjetividades-*Poiesis*/UFRN. Doutorado em Estruturas e Mudanças Humanas – Universidade de Paris 9 – Dauphine. Pós-doutorado em Ciências Sociais – Universidade de Paris 7 – Dennis-Diderot.

Este artigo contém, principalmente, elementos teóricos que balizam as análises que empreendo no campo da juventude contemporânea e traz uma ampliação do quadro teórico, em parte, já apresentado com a publicação do artigo *Dobras na juventude e nomadismo* (TAKEUTI, 2012). É verdade que, atualmente, realizo um deslocamento em minha pesquisa que recobre o campo da juventude: ainda que os “jovens das periferias”<sup>2</sup> estejam contemplados, nos meus estudos atuais, o foco central passa a ser outro, conforme veremos a seguir. O artigo (TAKEUTI, 2016), no qual abordo essencialmente o tema da *associabilidade* jovem na contemporaneidade, já traz uma atualização quanto aos meus atuais pontos de convergência empírica que não se encontram mais delimitados aos jovens das periferias.

Entretanto, para efeito deste artigo, mantenho, ao nível microssociológico, o conteúdo empírico elaborado antes dessa operação de deslocamento na pesquisa; isto é, a análise relativa a determinadas atuações jovens das periferias urbanas; atuações que emergem de situações coletivas ou grupais voltadas para a produção artístico-cultural e que possuem um caráter político em suas atividades sociais. A mudança atual na pesquisa não invalida essa base empírica; ela apenas passa a ser vista com acréscimo de novos aportes teóricos e de novas relações estabelecidas entre ela (plano microssociológico) e os fenômenos que ocorrem em uma escala

macrossocial. Assim, trago uma ilustração de um tipo de experimentação social cujas atuações jovens estão situadas localmente para relacioná-las às experimentações que ocorrem em uma esfera mais ampliada, a chamada esfera “global”, referida a determinados acontecimentos da atualidade cuja configuração é a de uma *multidão* que se adensa em determinados pontos do planeta; a exemplo das manifestações, contestações e *occupies*, desde 2011, em algumas regiões do mundo (África do Norte, Oriente Médio, Europa do Sul, América Latina, América do Norte e Ásia) e das manifestações de junho/2013 no Brasil.

Deixo claro que não se trata, aqui, de oposição, e nem de separação, mas sim a visão de que há uma relação entre esses planos micro e macro, como duas realidades distintas, cada uma com suas “leis” próprias de funcionamento. A partir da *sociologia infinitesimal* de Gabriel Tarde (1993, 2007, 2011), empreendo o esforço de compreendê-los como um “fenômeno único” cuja composição se define, não pela homogeneidade de elementos e sua unidade, mas pela heterogeneidade e diferença. É no “plano da consistência ou de composição”<sup>3</sup> que se acham estabelecidas as heterogeneidades ou as “variações infinitesimais” (TARDE, 2007, p. 61) pelas quais se produzem as diferenças.

Na medida em que tomamos cada ação situada localmente enquanto uma “esfera de ação indefinidamente

<sup>2</sup> O termo “periferia” ou “periférico” corresponde à autodesignação dos jovens. Termo reivindicado pelos ativistas do hip hop, na década anterior (2000): a assunção do “ser periférico” sendo a própria condição de possibilidade de suas atuações proativas na sociedade.

<sup>3</sup> Essa noção, em Deleuze e Guattari, permite-me aclarar: 1) a zona de vizinhança existente entre as abordagens tardianas e deleuzo-guattarianas (ao menos, nos aspectos que venho mobilizando, nas leituras de ambas as perspectivas); 2) a noção do “plano de consistência ou de composição” guarda estreita relação com a noção de multiplicidade a qual não é, aqui, concebida como “extensão homogênea”, “métrica” ou de “grandeza”; mas sim pensada em termos de “espaços lisos”, “não métrico”, isto é, “multiplicidades lisas” nas quais haja vetores de “desterritorialização” ou “linhas de fuga”, tal qual expõem os autores (1997a, p. 192-193); 3) tomo aqui o sentido de que “a consistência reúne concretamente os heterogêneos, os disparates enquanto tais: garante a consolidação dos conjuntos vagos, isto é, das multiplicidades do tipo rizoma”; 4) um plano de consistência deve ser visto como um “modo de conexão” de corpos coletivos que estão à contrapelo dos “corpos vazios e cancerosos”; ele diz respeito à rejeição das “superfícies homogêneas”; 5) finalmente, “só tem consistência, aquilo que aumenta o número de conexões (idem, 1997b, p. 223).

ampliada” que, em seus efeitos de propagação, engendra um acontecimento de multiplicidade (multidão), estamos nos deparando com um mesmo fenômeno que adquire configuração diminuta ou ampliada, segundo condições específicas de um dado momento. Singularidade e multiplicidade são faces de uma mesma realidade. Explico: na sociologia de Gabriel Tarde, pode-se encontrar a tese da interpenetração das esferas de ação – cada qual tomada em sua singularidade – e cujo funcionamento em multiplicidade faz emergir atividades criativas, sem que elas levem à formação de um “espaço único”, isto é, de um agregado social a ser tomado como algo dado e fixo.

A descoberta newtoniana da atração, da ação à distância e a qualquer distância, dos elementos materiais uns sobre os outros, mostra que se deve reconsiderar sua impenetrabilidade. Cada um deles, outrora vista como um ponto, torna-se uma esfera de ação indefinidamente ampliada (pois, a analogia leva a crer que a gravidade, assim como todas as outras forças físicas, propaga-se sucessivamente); e todas essas esferas que se interpenetram são igualmente domínios próprios a cada elemento, talvez igualmente espaços distintos, embora misturados, que tomamos falsamente como um espaço único. O centro de cada uma dessas esferas é um ponto singularizado por suas propriedades, mas, ainda assim, um ponto como outro qualquer; aliás, sendo a atividade a essência mesma de todo elemento, cada um deles está inteiramente lá onde age. (TARDE, 2007, p.79-80).

Por essa abordagem teórica, a inventividade e a novidade só são possíveis quando elementos múltiplos

e heterogêneos efetuam conexões sob o registro diferencial. O encontro das diferenças e a afetação (de forças afetivas) entre elas são as bases da emergência de uma nova diferença e a efetuação de uma “quantidade social”. Sobre a consistência quantitativa social que se estabelece pela proliferação da invenção, vemos, na obra *Leis da imitação* (1993 [1895], p. 15), Tarde argumentar que o mundo social apresenta o caráter fundamental de “expansividade essencial” do mesmo modo que o mundo físico (o mundo astronômico e o mundo químico) e o mundo dos viventes em geral; isto é, similarmente a esses outros mundos heterogêneos, no mundo social, vê-se também a “mesma ambição propagadora”.

Lazzarato (2002, p. 23) resgata a discussão sobre o valor, a invenção e a quantidade social em *Potencias de la invención* com a finalidade de salientar que uma invenção “só tem valor na medida em que é compartilhada entre muitos”, “colocada em comum (quantidade social)”. “A formação do valor depende então, ao mesmo tempo, da *invenção* e da *difusão*, da atualização de uma virtualidade e de sua efetuação social. Uma invenção que não se difunde, que não é imitada, não tem valor nenhum”.

Em sua outra obra, *Potencias del acontecimiento*, Lazzarato (2006) toma as *jornadas de Seattle*, em 1999, para melhor deixar entrever em quê um acontecimento político, no qual o “comum” emerge, pode vir a promover a abertura de processos de experimentação, com importantes implicações na subjetividade; pode abrir a possibilidade de ampliação de “agenciamentos coletivos de enunciação”

capazes de engendrar outras possibilidades de existência; isto é, pode vir a produzir “novas relações com a economia e com a política-mundo, uma maneira diferente de viver o tempo, o corpo, o trabalho, a comunicação, novas maneiras de estar juntos e de estar contra, etc.” (LAZZARATO, 2006, p. 44, tradução nossa). Em boa parte, a *neomonadologia* de Tarde comparece, nessa análise de Lazzarato, para ajudar a pensar esse mundo povoado tanto de “multiplicidade de singularidades” quanto de uma “multiplicidade de mundos possíveis”: “Nossa atualidade é a atualidade do fragor desses mundos diferentes que querem se atualizar ao mesmo tempo. Isso implica outra ideia da política, da economia, da vida e do conflito” (LAZZARATO, 2006, p. 64, tradução nossa).

A abordagem microssociológica de G. Tarde e sua filosofia da diferença e do acontecimento, que encontram convergências e certas reverberações na filosofia de Gilles Deleuze, parecem hoje se vivificar diante desses e outros acontecimentos políticos, nos quais uma multidão se compactua, trazendo à tona uma política de multiplicidade ou, como exprime Lazzarato (2006), uma “política menor” entendida como outro modo de coproduzir algo “novo”, o que é distinto de uma ação no registro da política da totalidade e da universalidade. O múltiplo se apresenta, nesse referencial teórico, a partir da ideia primordial de que uma *mônada* isolada nada pode fazer.

Em uma sociedade, nenhum indivíduo pode agir socialmente, nem se revelar de uma maneira qualquer, sem a colaboração de um grande número de outros indivíduos... entregue a si mesma uma mônada nada

pode. Eis aí o fato capital, e ele serve imediatamente para explicar um outro: a tendência das mônadas a se reunirem. (TARDE, 2007, p. 90).

Um parêntese para apenas deixar registrado o fato de outro autor (Bruno Latour), que me é caro nas minhas atuais incursões teóricas, também se valer dessa ideia (não só essa) de as mônadas tenderem a associar-se; valho-me igualmente disso e, mais ainda, da teoria *ator-rede* (LATOURE, 2012) para desenvolver a ideia de *associabilidade lisa* em platôs jovens (TAKEUTI, 2016).

Importante, agora, salientar que, por esse quadro referencial teórico, o olhar da pesquisa, em lugar de estar voltado aos sujeitos, está orientado para os fluxos sociais, nas “esferas de ação”, que vão se ampliando na medida em que conexões se realizam entre distintas esferas, de modo a coproduzir novos fluxos. Está claro que, em Tarde, a concepção da interpenetração das esferas de ação diz respeito aos fluxos de *crenças* e de *desejos* – duas forças motrizes disseminadas na vida social, com variações de graus de intensidade; essas noções ganham um estatuto teórico particular na abordagem tardiana (diretamente, nada a ver com aspectos comportamentais e emocionais dos indivíduos). Também nos fica evidenciado que a sua filosofia do acontecimento “define um processo de constituição do mundo e da subjetividade que não parte do sujeito (ou do trabalho), mas sim do acontecimento” (LAZZARATO, 2006, p. 47, tradução nossa), de modo a se demarcar radicalmente da Filosofia do sujeito<sup>4</sup> que marcou todo um campo de problematização nas Ciências Sociais.

\*\*\*

Carreando esse conjunto inicial de ideias, aproximemo-nos de platôs jovens, nos quais experimentações (culturais, artísticas, tecnológicas, comunicacionais e/ou políticas) se (des)dobram em situações singulares localizadas e se acham voltadas para criações de: objetos, imagens, sons, performances, saberes, discursos, informações e conhecimentos. Experimentações grupais ou coletivas diversas que transmitem forças afetivas e sensoriais em suas atividades criativas e cuja expressividade é composta a partir de apetrechos ou de repertórios “raptados” do universo tecnológico, do mercado de consumo e, sobretudo, de determinados segmentos da arte, música e literatura<sup>5</sup>. Antes, porém, ainda são necessários alguns esclarecimentos de ordem teórica que entram nas considerações dos platôs jovens.

A opção pelo termo platô está relacionada à ideia de *espaços lisos*<sup>6</sup> onde atuações jovens acontecem sem premeditações estratégicas (do tipo organizacional ou institucional). Toma-se ao pé da letra a definição de platô enquanto “zona de intensidade contínua”, com vibração própria irradiando sobre si mesma e se desenvolvendo em um “plano de imanência” (DELEUZE; GUATTARI, 1995a, p. 33); sem que se constitua em um projeto com um início, meio e fim planejados e seguidos à risca, como o seria em um empreendimento mercantil na pura lógica do capital econômico. Platôs jovens, por conseguinte, pensados em termos de zonas de experimentação

e de multiplicidade de fluxos (de ideias, conhecimentos, experiências, desejos e crenças), em que, nessas zonas, cada elemento está incessantemente em variação: a partir de qualquer ponto, conectando-se, desconectando e se reconectando; e não necessariamente sempre em um mesmo ponto. Portanto, variações no tempo e no espaço. Um jovem, um grupo, um coletivo ou uma efêmera associação pode estar, em um dado momento, conectado a outros para “obrar algo” a partir de uma ideia (seja no campo cultural, artístico, literário, tecnológico, político, seja, até mesmo, no do econômico)<sup>7</sup> e, em seguida, desconectarem-se entre si (parcial ou totalmente) para, em outro momento, reconectarem-se a partes dessas “alianças” antigas ou a novas.

Sem dúvida, a atual tecnologia informacional e comunicacional torna mais visível a diversidade de experimentações, principalmente em arte e cultura, em toda a sua variação. Algumas dessas experimentações emergem e desaparecem no decorrer do tempo, sem deixar traços nítidos ou talvez, bem possíveis, rastros imperceptíveis; outras revelam um “algo”, uma “força de afetação” em um espaço-tempo mais ampliado e vão deixando rastros mais visíveis que, em um tempo qualquer, conectam-se a outros. Pela perspectiva micropolítica (DELEUZE; GUATTARI, 1996), entende-se que os “fluxos moleculares” escapam muito possivelmente em pequenas dimensões, inicialmente, para depois expandirem ou, talvez, não se ampliem como se havia pretendido de

<sup>4</sup> Marcada na ontologia do ser, ao passo que em G. Tarde ganha lugar uma “*ontologie de l'avoir*” (do “haver”, para permanecer fiel à tradução proposta, no Brasil, por E. V. Vargas).

<sup>5</sup> Cito, para ilustrar, duas dissertações produzidas recentemente sob a minha orientação (LACAVA, 2016; OLIVEIRA, 2016). Respectivamente contemplam: platôs musicais e festivos da “galera jovem”; corpos em mutação, a partir de uma empiria localizada na cidade do Natal/RN.

<sup>6</sup> Sobre o espaço liso (e estriado), remeto ao meu artigo (TAKEUTI, 2016).

<sup>7</sup> Em Takeuti (2016), trago algumas ilustrações de diferentes zonas de experimentações jovens na atualidade.

partida, para ir ressonar em algum outro ponto, a partir do qual pode se produzir efeitos inesperados; certas experimentações podem, inclusive, modificar-se em relação à sua intenção inicial e ganhar novas facetas (às vezes, sem a desejada crença inicial).

A transitoriedade das alianças ou associações, aqui, não mais é vista como “coisa sem futuro”, o que, aliás, não é senão uma interpretação organizada a partir da centralidade que se dá ao sujeito e ao objeto e à noção de identidade (coletiva). Ela é vista como o *acontecimento* (LAZZARATO, 2006)<sup>8</sup> que expande “novas possibilidades de vida”. Por essa via, para a análise dos platôs jovens, tomo como essencial as passagens dos fluxos, isto é, o foco “no que passa”; deitando por terra a ideia de malogro de atividades de jovens que se associam e depois “se perdem”, “sem em nada terem sido produtivos”; isso pode, também, ocorrer nessas miríades de grupamentos jovens, porém, o fundamental a se reter não está aí. Se a ação passou, os sujeitos (daquele momento) se foram e os objetos desapareceram da cena (naquele “pedaço do espaço”), ainda assim, a *ideia-força* permaneceria e seguiria o seu movimento de modo que, em um dado tempo e em um determinado espaço, ela é reconectada por e com *atores-rede*<sup>9</sup> em seu “processo de criação da diferença” (*invenção*, nos termos tardianos, a qual implica sempre em rupturas, com relação às normas sociais abrangentes ou específicas). Aqui, a ideia de *rizoma* (DELEUZE;

GUATTARI, 1995a) ajuda a pensar tanto a natureza da movimentação da ideia-força – em nada linear de ponto a ponto, mas bastante sinuosa nos traçados de *linhas* – quanto à formação de *nodos*<sup>10</sup>, lá onde passa a haver uma associação (temporária).

Com isso, a postura teórica passa a ser outra, assim como Lazzarato (2006, p. 41) salienta: o importante “já não são as condições sob as quais podemos alcançar o eterno ou o universal”; mas sim “as condições sob as quais há ‘produção do novo’ (TARDE; BERGSON) ou a possibilidade da novidade’ (JAMES; WHITEHEAD)”. Por isso, a ênfase, na minha pesquisa atual<sup>11</sup>, sobre as pragmáticas que se interconectam para trocas de experiências a fim de ganhar força em um dado espaço-tempo. Extraio, ainda, a lição de que, com as mônadas tardianas, que são ao mesmo tempo “multiplicidade e singularidade”, passa-se a conceber atividades, na lógica do acontecimento, não mais em termos produtivos, e sim em termos de “criação e efetuação dos mundos”. Sobre a noção de acontecimento, apoio-me na ideia de que “um mundo é uma multiplicidade de relações que não dependem de uma essência, mas sim de um acontecimento. As relações pressupõem o acontecimento que, como temos visto, atua transformando o sentir, isto é, os desejos, as crenças, os afetos das mônadas”. (LAZZARATO, 2006, p. 59)<sup>12</sup>.

Dito isso, o que importa é focalizar as tentativas existentes na criação de um “novo”, a partir desses ensaios jovens (grupais, coletivos ou associativos, de escala

<sup>8</sup> O autor, para além de Foucault e Deleuze, recorre ao filósofo da linguagem Mikhail Bakhtin para explicar o alcance da noção de acontecimento.

<sup>9</sup> Prefiro manter o conceito de ator-rede que abarca a ideia de conexão ou rizoma: “um ator é também, e sempre, uma rede” (LAW, 1992); ainda porque se encontra na *zona de vizinhança* da ideia tardiana de que toda a singularidade é uma multiplicidade.

<sup>10</sup> Os “nós” de uma rede de informática ou a “onda estacionária” conceituada na Física ajuda-nos a pensar nesses pontos em que há aglomeração.

<sup>11</sup> Intitulada *Pragmáticas poéticas e micropolíticas – Conexões*.

micro a macrossocial), para entender os processos de subjetivação emergentes na atualidade e para tentar enxergar as tentativas de reversão de um tipo de produção de subjetividade, “em crise” (LAZZARATO, 2014). A crise da produção da subjetividade é, para esse autor, explicada pela subsunção dessa produção, no neoliberalismo global, a processos amplos de individualização pela “sujeição social”, de uma parte; e, de outra, de “endividamento” (para além do aspecto financeiro) dos indivíduos devido à “servidão maquínica”.

Os conceitos de sujeição social e de servidão maquínica são, segundo o autor, dois dispositivos fundamentais, complementares e interdependentes, do modo de funcionamento da economia liberal que teria no cerne de sua atuação a economia subjetiva, qual seja, a produção da subjetividade. Entretanto, a sua análise não se resume a mostrar a voracidade do capitalismo em sua tenaz tarefa de captura do mundo vital, tanto via sujeição quanto via *agenciamentos maquínicos*; para além disso, ele nos convida a desenlear aquilo em quê, justamente, os maquinismos possibilitam (também) aberturas de portais de “potencialidades para a emancipação” (LAZZARATO, 2014, p. 39). As suas questões iniciais indicam o cerne de sua inquietação atual, relativa às sociedades capitalistas em seus desdobramentos contemporâneos, e elas indicam claramente o que está em jogo na atual problematização da produção da subjetividade:

Quais as condições para uma *ruptura política e existencial* num tempo em que a produção de subjetividade

constitui a mais fundamental das preocupações capitalistas? Quais são os instrumentos específicos para a produção de subjetividade de maneira que sua produção industrial e em série por parte do Estado e da empresa possa ser frustrada? Que modelo e que modalidades de organização devem ser construídos para um *processo de subjetivação que une o micro e o macropolítico*? (LAZZARATO, 2014, p. 18, grifo nosso).

Resumidamente, a sua proposta é a de ver entre o “molecular maquínico e o molar social” (LAZZARATO, 2014, p. 18) tanto a possibilidade da “sujeição social e de servidão maquínica” quanto a possibilidade de uma ação política que vise à construção de “novos territórios existenciais”. Instiga-nos, enormemente, continuar perseguindo o desafio contido em suas questões a partir da análise dos platôs jovens; contudo, por ora, mantemos-nos centrados na discussão sobre a relação entre processos inventivos e a multiplicidade nos quais os jovens se acham implicados.

\*\*\*

Trago, para ilustrar, uma expressão de inventividade em que se insinua uma *corpo-política* nas tensões do espaço urbano e um modo de “resistência social”<sup>13</sup> de jovens em face de um sistema de poder que sempre os remeteu à condição de “desqualificados sociais”<sup>14</sup> na sociedade brasileira. O que subsegue é extraído de um processo de pesquisa-intervenção<sup>15</sup> realizada, entre 2007 e 2012, junto a um coletivo jovem (do *hip hop*) de um bairro periférico (da cidade do Natal/RN, Brasil). São diversas as publicações<sup>16</sup> que pormenorizam as experimentações

<sup>12</sup> Inclusive, nessa mesma obra, no capítulo *El acontecimiento y la política* (pp. 43-70), o autor convoca as teses de M. Bakhtin para mostrar a força e o alcance da noção de acontecimento.

<sup>13</sup> O termo está mais inspirado em Foucault, para quem, na resistência, não basta dizer coisas contra o que se combate, mas é preciso saber fazer.

<sup>14</sup> O tema de invalidação e desqualificação sociais foi amplamente problematizado em outra obra (TAKEUTI, 2002).

dos jovens em suas atividades de dança (*break*), de pintura/arte (*graffite* e *pixação*), de música (DJ) e de composições/poesia (MC), conjugadas com atividades reflexivas (por vezes, juntamente com “os da Universidade”) e de cunho político no bairro, na cidade e na região, em luta pela “sua comunidade” (o bairro em si e os adjacentes a esse).

Resgato, aqui, com pequenas modificações de escrita, parte do que já elaborei e publiquei anteriormente (TAKEUTI, 2010a) para ilustrar um tipo de experimentação cuja centralidade está no corpo que dança – o *break* e os seus efeitos. Mostro que o *break* pode estar revelando uma subversão de um corpo que, desde a tenra idade, foi moldado segundo os códigos normativos binários (de gênero, de classe, de raça, de geração e assim por diante). O trecho que segue ganha outro tom pela necessidade mesma de expressar, por uma escrita “lisa” (menos “estriada” segundo as normas acadêmico-científica), as sensações próprias fluindo diante das performances dos *b-boys*.

Em uma linguagem delirante, o *corpo-break* afronta – com o seu gesto oblíquo, descontínuo e irregular – os traçados segmentados do espaço urbano; explora as fendas e reentrâncias do espaço linear, mostrando, neste, suas passagens perigosas. O corpo e a dança se demitem, em uma cumplicidade enigmática, do molde previsto e tramam por modulações imprevisíveis contra as amarras e couraças infligidas aos corpos dos cidadãos, aliás, “demasiadamente humanos”. Corpos que seguem obedecendo às segmentações no espaço urbano, abarrotado de sinais visíveis e invisíveis ditando sempre por onde, quando e como (não) passar/andar/pisar por certos lugares ou (não) sentar/parar/olhar/sentir em outros lugares. Sem que saibam, esses corpos vão rapidamente aprendendo as “leis” que segmentam e organizam os espaços da cidade.

Mas, nesse momento, o *corpo-break* coloca em ato uma performance irreverente que o arremessa a outras latitudes e longitudes, agora referenciadas por um “espaço liso”, que desemaranham composições copiadas de corpos moldados por regras e limites que sempre parecem incontornáveis. Ele está na contramão dos corpos comportados, regulamentados e regulados na couraça da indiferença e do cansaço que abate todos aqueles que se deslocam pelas ruas das cidades, incondicionalmente tão carregadas de sinais que segregam, separam, definem e classificam. Seus gestos, suas manobras físicas e expressividades corporais jorram temas enraizados na realidade cotidiana das cidades – da rejeição social, da morte, da infâmia, da violência –; temas esses que condenam parte dos seres sociais ao ostracismo na própria sociedade. E, mais do que isso, eles sugerem que o “corpo pode”<sup>15</sup>. Sugerem que nele contém a potência que pode desafiar dispositivos que tentam enclausurá-lo e o limitar em suas expressões, principalmente nos espaços divididos da cidade. A expressão do desejo de desafiar o “disciplinado” está na mostra de um corpo que “pode sempre mais” se aventurar para o inimaginável. Ele devém um corpo “rizomático” e vai engendrando gestos imprevisíveis, impensados e inacabados, em uma estética inclassificável. Vertical, horizontal, diagonal e circular: a transversalidade e a circularidade dos movimentos dão mostras de um corpo que enfrenta os dilemas de uma sociedade normalizadora, mas que procura superá-los redesenhando a sua paisagem.

O *corpo-break* dá mostras que o possível está na sua conjugação com o espaço e o tempo: espaço não mais reduzido ao solo retilíneo e unidimensional; pela dança, pelos saltos sobre o vazio (no alto, nas laterais), o espaço agora é multidimensional e permite a vazão das formas gestuais que explorem todas as possibilidades: as vias laterais, diagonais, elevadas e rasantes. O corpo pode, então, permitir-se aos movimentos de expansão e de contração, com humor e alegria. O corpo desobediente e indisciplinado espalma, empina, retorce, dobra e se desdobra na busca de posições desmesuradas, quebrando a linearidade dos gestos conhecidos e, agora,

<sup>15</sup> Trabalho realizado conjuntamente com Marlos Alves Bezerra (PSI-UFRN).

<sup>16</sup> Em diferentes edições, aspectos variados relativos às tentativas juvenis de saídas aos impasses sócio-historicamente impostos a essa população – Takeuti (2014, 2012, 2010a, 2010b, 2009, 2008) e Takeuti e Bezerra (2009), entre outros. Igualmente, três produções de doutorado e mestrado em Ciências Sociais, sob a nossa orientação.

mais liberto do tempo codificado. Tempo remexido nos saltos, volteios e vibrações do corpo que repercute na plateia curiosa, seduzida e já impregnada de forças estranhas que “falam ao seu corpo” sobre sensações desconhecidas.

Já para esses corpos – dos *b-boys*, *rappers*, poetas, escritores de rua, skatistas e de tantos mais outros que juntos adentram pelo espaço reinventado e que sentem na “carne” a intensidade e a vibração do instante – não há mais “muros” e palavras que os alijem da sociedade. Música e dança, ambas se combinam em um convite aberto a outros corpos (de espectadores) para a sua entrada no “campo magnético” vibrante e para a compactuação de forças afetivas em emanação. Reverberação da sensibilidade. O grito de um *corpo sem órgãos!* Um acontecimento!

Pela dança, resgata-se a *carne*, expressando-nos como Sennett (2008), que dá matéria a um corpo, agora vibrante e não mais desqualificado. Pelo *break*, revela-se um *corpo sem órgãos* (CsO)<sup>17</sup>; isto é, desarticula-se o corpo para parar de ser um organismo organizado em estratos já estabelecidos.

Desfazer o organismo nunca foi matar-se, mas abrir o corpo a conexões que supõem todo um agenciamento, circuitos, conjunções, superposições e limiares, passagens e distribuições de intensidade, territórios e desterritorializações medidas à maneira de um agrimensurador. (DELEUZE; GUATTARI, 1996b, p. 22).

Outro modo de subjetivação instala-se nas dobras dos movimentos que fluem da música e do *break*, em seu pacto de “quebra”. “Política menor” que expressa,

em uma “linguagem menor”, uma política de vida (sem dúvida, a micropolítica<sup>18</sup>). Pelos estudos anteriores, junto aos jovens do *hip hop*, pude constatar que, a partir da arte e da cultura, coletivos jovens buscam inventar uma nova gramática dentro da própria língua dominante: a “gramática da ira” (TAKEUTI; BEZERRA, 2009). Manejando uma gramática própria, jovens artistas/escritores de rua/*performers*/artesãos trazem mostras, com seus gestos próprios e “impróprios”, quase sempre irreverentes, a tragicidade imposta pelas regras, normas, hierarquias e estruturas instituídas socialmente. O canto, a dança, a escrita, a poesia, as artes visuais, a performance e outras tantas modalidades de expressão artística, musical e literária passam a ser armas simbólicas das quais muitos jovens se servem, como uma maneira de se desterritorializar em relação ao que se lhes impõem tão naturalmente. Invenção de uma gramática de contestação contra uma ordem que insiste em sua legitimidade natural.

Se, na perspectiva material, o território geográfico dos jovens da periferia continua caracterizado pela precariedade, eles continuam a se mover rumo à mudança do seu *território subjetivo*. Um modo de subjetivação que se define pelo deslocamento do corpo coletivo a outros agenciamentos que venham reterritorializá-lo

<sup>17</sup> Noção que Deleuze e Guattari (1996b) desenvolvem em *Mil Platôs* (v.3). Um CsO é um “componente de passagem” (p. 20) de fluxos, de intensidades. Não nos prendamos à figura do corpo humano para pensar um CsO; ele até pode estar referido a ele; mas remete, ainda, a qualquer outro tipo de corpo social, político, cultural, institucional, organizacional, situacional etc. Um platô é um CsO. Despreguemos, ainda, da ideia de que um CsO é o que se opõe aos órgãos: ele se opõe, antes de tudo, ao organismo; este enquanto uma organização dos órgãos, enquanto “um fenômeno de acumulação, de coagulação, de sedimentação que lhe impõe formas, funções, ligações, organizações dominantes e hierarquizadas, transcendências organizadas para extrair um trabalho útil” (p. 21); isto é, ele se opõe “à organização orgânica dos órgãos” (p. 21). O CsO “oscila entre dois polos: de um lado, as superfícies de estratificação sobre as quais ele é rebaixado e submetido ao juízo, e, por outro lado, o plano de consistência no qual ele se desenrola e se abre à experimentação”. (p. 21).

<sup>18</sup> Esta transborda o campo do instituído e diz respeito a toda dimensão vital, ou melhor, à “potência de vida”. Sobre isso, Deleuze e Guattari argumentam que a “grande política”, para ela própria se mover, necessita de “microinjeções, infiltrações que a favorecem ou que lhe criam obstáculo e quanto maiores os conjuntos, mais se produz uma molecularização das instâncias que eles põem em jogo”. Trata-se de linha molecular em que tudo pode entrar no jogo, porém, advertem os autores, trata-se de “outra escala e sob outras formas, com segmentações de outra natureza, rizomáticas ao invés de arborescentes. Isso é a micropolítica” (DELEUZE; GUATTARI, 1996, p. 72-3).

sob outras maneiras de perceber, sentir, conhecer, pensar e fazer. O essencial está no fato de que essas tentativas já são esboços de outro processo de subjetivação cujo agenciamento não passa (tão só!) pelas raias de drogas, violências e crimes, tal como a sociedade “enxerga”<sup>19</sup>. Hoje, esse coletivo não mais existe na configuração em que ele existira no momento de trocas de nossas experimentações acadêmicas e suas experimentações artístico-culturais-políticas; contudo, o “corpo descodificado” e suas “pragmáticas menores”<sup>20</sup> (DELEUZE; GUATTARI, 1977) puderam se espriar por “raios imitativos” (TARDE, 2011); e, por avanços e retrocessos, outras experimentações se desdobra(ra)m nesse mesmo território físico e para além dele.

Sabemos, todavia, quão árduo é o processo de subjetivação política em uma sociedade abundante de “semióticas de significação”, controladas e ajustadas no capitalismo, como bem analisa Lazzarato (2014); sabemos o quanto de empecilhos há em um programa de “desestratificação”, em uma sociedade farta de dispositivos de captura de subjetividades, como indicam Deleuze e Guattari (1996b, p. 23-24) em *Como criar para si um corpo sem órgãos* (CsO). É preciso, sugerem estes, agarrar as oportunidades (para criar o CsO) que um dado “estrato” nos oferece para efetuar alguns movimentos de desterritorialização que possibilitem conexões e passagens

a fluxos potencializadores de nossas ações: trata-se da permanente tarefa de “conectar, conjugar, continuar” ou da “conexão de desejos, conjunção de fluxos, *continuum* de intensidades” (DELEUZE; GUATTARI, 1996b, p. 24). É, precisamente, em uma atitude atrevida de espreira e de captura de oportunidades que determinados coletivos jovens das periferias vêm persistindo, com suas manobras e táticas de produção da vida, em uma sociedade que insiste em renegá-los.

De lá para cá, como já expus no início deste texto, tenho mantido minha caminhada nos rastros de outras experimentações jovens, em platôs (agora, também com acesso por meio das plataformas virtuais) nos quais jovens se aglutinam com rudimentos de propostas coletivas experimentais<sup>21</sup>; principalmente, volvendo-me para pragmáticas inventivas relacionadas ao conhecimento, à *poiesis* e à política, com esboços estético-políticos que figuram o desejo de passagem para a expansão da vida. Indago-me se não seria isso que a “multidão de indignados”, em algumas partes do mundo, estaria, em primeira instância, trazendo à tona: os que comparecem, presencial ou virtualmente, aos eventos (acontecimentos) trazem consigo uma micropolítica já sendo experimentada em platôs singulares e chegam sequiosos de conexões e de compartilhamentos (de ideias,

<sup>19</sup> Remeto novamente à minha obra (TAKEUTI, 2002), na qual desenvolvi amplamente a questão da estigmatização social.

<sup>20</sup> O conceito de pragmática menor em Deleuze, conforme Cardoso Jr. (2011), tem estreitas relações, de um lado, com a ética spinosiana (“potência de um corpo”, “multiplicidade de corpos e ideias em encontro”, “afecções”) e, de outro, com o empiricismo de Hume e a cosmologia de Whitehead (“pragmática da experimentação como um operador da pragmática menor”, “alcance cosmológico da experimentação e não alcance apenas humano”). No substrato da noção de pragmática de Deleuze, encontra-se o seu conceito de multiplicidade na qual corpos e ideias “transitam e se encontram e na qual seus componentes e elementos são vistos em uma cartografia de vetores e indicadores direcionais em sua multilinearidade” (CARDOSO Jr., 2011, p. 73). Está na pauta da pragmática menor “o que sentimos e experimentamos”, e é a experimentação que trará “um alcance social e político, de modo que toda exploração de uma multiplicidade é também a extensão de suas fronteiras para uma dimensão coletiva, pois o que está em jogo na experimentação é a fuga dos estratos e sedimentações que toda multiplicidade comporta.” (CARDOSO Jr., 2011, p. 112).

<sup>21</sup> No texto (TAKEUTI, 2016), abordo, com algumas ilustrações, as associabilidades atuais nos platôs jovens.

conhecimentos e experiências, mas também de aprendizados).

O que aglomera esses jovens é uma diversidade de demandas e de expressões de desejos e crenças, que já vêm sendo elaboradas por cada corpo presente<sup>22</sup> em seus platôs singulares ou em suas zonas de experimentação próprias (trazem consigo já um substrato de experiência do comum). E, se não há, nesses platôs, uma clareza quanto a um “projeto de sociedade” (sobre o que recaem muitas críticas, por parte de determinados analistas sociais dos “movimentos globais”) é porque toda direção termina em estriamentos que os carregam para longe do “campo dos possíveis”; há, de todo modo, já um devir<sup>23</sup> em alta conspiração. Ora, justamente, o devir (entendido na ótica deleuzo-guattariana) se forja em meio a encontros que tenham a capacidade de afetar corpos presentes. Ademais, “os corpos coletivos sempre têm franjas ou minorias que reconstituem equivalentes de máquina de guerra, sob formas por vezes muito inesperadas, em agenciamentos determinados tais como construir pontes, construir catedrais, ou então emitir juízos, ou compor música, instaurar uma ciência, uma técnica”. (DELEUZE; GUATTARI, 1997, p.32). Um corpo singular que pôde experimentar a abertura a conexões pode “ramificar-se em outras máquinas coletivas”, complementam os autores em outro texto de Deleuze e Guattari (1996b, p.24).

É nessa perspectiva que entendemos os atos de protesto e o processo de subjetivação política subjacente dos

movimentos atuais, desde 2011, que assumem um vulto volumoso, a uma escala macrossocial, em várias partes do mundo, inclusive no Brasil. Eles nada mais são que os corpos singulares – agora em associação maior – que já vêm experimentando suas “linhas de fugas possíveis” nas brechas de um pretense sistema fechado. Se considerarmos, com Tarde, que cada um (cada mônada) já é uma multidão<sup>24</sup>, é consequente pensarmos em uma ampliação de fluxos a partir da conexão dos corpos singulares anônimos, ainda que em nome de uma diversidade de causas difusas. O denominador comum de todos esses corpos seria a crença e o desejo de resgate da subjetividade capturada pelos múltiplos dispositivos de controle e de poder; o que deixa de ser excêntrica a demanda existente no topo das reivindicações: a de viver a vida diferentemente, conquanto se saiba que “a sociedade de controle e do poder” acelera seu compasso no passo da multidão. Incontornável o tema do poder que nos cerca por todos os lados?

Anteriormente, já mencionei a obra de Lazzarato (2014), na qual ele traz as suas inquietações de pesquisa relativa aos desdobramentos do neoliberalismo que, ao colocar na centralidade a produção da subjetividade por agenciamentos maquímicos (fluxos econômicos, políticos e sociais), apodera-se da “alma, do cérebro e da vida” da espécie humana. Mencionei, contudo, que a sua pretensão se volta, também, para a análise das condições de possibilidade de “ruptura e reconversão subjetiva” que redunde em “processos

<sup>22</sup> Caracterizado como “movimentos” de trabalhadores precários, feministas, indígenas, afros, *lgbttti*, *queer*, enfim, movimentos eco-ambientais, artísticos, culturais, literários, esportivos e a lista é múltipla, ainda porque no interior de cada uma dessas nomenclaturas estariam abrigadas outras tantas heterogeneidades que expressam, cada uma, sua própria singularidade.

<sup>23</sup> “Todo progresso se faz por e no espaço estriado, mas é no espaço liso que se produz todo o devir” (DELEUZE; GUATTARI, 1997a, p. 195).

<sup>24</sup> Por isso, a fórmula tardiana: monismo = miriateísmo.

de subjetivação política”. Preocupação, portanto, que incide o olhar nas formas de reconfiguração da dimensão macropolítica (em sua atual “crise de produção de subjetividade”) e nos processos de subjetivação, “colocando em primeiro plano as dimensões *micropolítica* (Guattari) e *microfísica* (Foucault) do poder” (LAZZARATO, 2014, p. 19).

Com Foucault<sup>25</sup>, venho me abastecendo, desde muito tempo, com a sua ideia do “paradoxo do poder”. A captura de fluxos vitais coexiste com os modos de resistência. Em sua problematização acerca da biopolítica e do biopoder, Foucault<sup>26</sup> situa o poder e a subjetivação como “duas faces de um mesmo processo”. Sempre algo estará escapando ao poder, pelas brechas de seu sistema molar bem constituído em suas defesas; o poder sempre irá “resistir” e se recompor para tolher um algo novo que se mova contrariamente aos seus interesses.

Autores contemporâneos têm se preocupado com a problemática do paradoxo do poder trazendo desdobramentos teóricos interessantes, tal é o caso do coletivo *Multitudes*, que, no tema da biopolítica em Foucault, tem publicado dossiês<sup>27</sup> e artigos isolados. Ao que me interessa, mais diretamente, remeto-me diretamente a autores que têm participado desse propósito (como é o caso de Lazzarato), de tal modo a evidenciar a outra face do conceito de biopolítica, isto é, a *biopotência*. Karsenti Bruno (2000,

extraído da internet, tradução nossa) sintetiza bem o núcleo da controvérsia relativo à noção de biopolítica:

Trata-se de colocar o problema do poder em termos de estratégia, por conseguinte, pensá-lo menos a partir de situações de dominação que ele determina do que a partir de afirmações e de composições que ele permite e, portanto, da liberdade dos sujeitos que permanentemente o alimentam e condicionam a sua realização. “Só há relação de poder entre sujeitos livres”: há que se mensurar a carga corrosiva dessa proposição no tocante ao ponto de vista comum do pensamento crítico, seja na filosofia política ou nas ciências sociais. Trata-se de recusar a objetivação do sujeito na figura do dominado e de encontrar a potência subjetiva inscrita numa relação de poder concretamente identificada e, portanto, sempre suscetível de ser reconduzida ao limite da sua própria reversão. Tal é a tarefa resolutamente positiva assinalada por Foucault à crítica.

Extraio uma lição disso: se a face do poder precisa ser escancarada em suas múltiplas facetas institucionais e societais – o Estado e as corporações produtivas na aplicação de sua competência biopolítica (biopoder) – é tarefa sociológica, também, o desvendamento da potência subjetiva que se (des)dobra nas e das relações de poder. Inscrevo-me, portanto, nessa tarefa de análise dos acontecimentos atuais, em suas diferentes escalas, enquanto fenômenos dos quais emerge um campo aberto de possibilidades para a produção de

<sup>25</sup> Na obra *Em Defesa da sociedade* (1999) e em seu texto *O sujeito e o poder* (1995), Foucault insiste no tema do poder que se rearticula para sufocar as *microlutas* ou as *ações de resistência criativa*.

<sup>26</sup> São diversas as referências para as quais lanço mão no estudo da noção de biopolítica em Foucault: *Ditos e Escritos* (1980 em diante), aulas no Collège de France, editadas após a sua morte, nas quais o autor incansavelmente desenvolve o tema da captura da vida e acerca da resistência. Para este artigo, cito, mais enfaticamente, o último capítulo de *A vontade de saber - História da sexualidade I* (1988), o *Nascimento da Biopolítica* (2008) e a conferência pronunciada na Faculdade de Filosofia da UFBA, Brasil, em 1976, publicada nos *Ditos e Escritos VIII* – Michel Foucault/Segurança, penalidade, prisão (2012).

<sup>27</sup> Cito o dossiê *Biopolitique et biopouvoir* (mars/2000); participam dessa edição, Karsenti, Lazzarato, Rancière, Latour, Agamben, Stengers, Badiou, Sloterdijk, dentre outros. Veja mais em: <<http://www.multitudes.net/category/l-edition-papier-en-ligne/multitudes-1-mars-2000/majeure-biopolitique-et-biopouvoir/>>.

rupturas em relação às formas de captura de subjetividades na atual economia neoliberal. Retenho, para isso, a proposição tardiana de que, no mais imperceptível ou no “infinitesimal pequeno”, encontra-se a base das transformações que podemos enxergar na grande escala. Pois, como bem nos lembra Vargas (2007, p.16) – a quem devemos a tradução de alguns textos fundamentais de Gabriel Tarde no Brasil – “quanto mais nos aproximamos do infinitamente pequeno, mais encontramos seres completos e complexos”.

Ciente de que, pela sociologia convencional corrente, um fato científico é explicado sempre partindo do maior ao menor, procurando sempre a identidade e a reprodução (dele mesmo) nele contido, sigo pelo desafio, com Tarde, de começar pelo menor ou infinitesimal pequeno, em toda a sua variação e heterogeneidade, pois, como sugere Latour (2009, p. 3), aí está o “mais explicativo, o mais combativo”. Pensar mais os platôs jovens constituídos de múltiplas *dobras*<sup>27</sup> (DELEUZE, 1991; TARDE, 2007), em que a mistura e a hibridação são grandes, do que pensar em estratos separados por classe, cor, raça, gênero, geração ou qualquer outra categoria binária; é pensar que as invenções estão ocorrendo nas passagens dos fluxos (semióticos, comunicacionais, estéticos, sociais, políticos, culturais e/ou econômicos) e também nos fluxos de desejos pelos quais os atores-rede (se) coproduzem. Ora, já não é sem tempo de a sociologia enfrentar a noção do desejo? Pois que o desejo, enquanto uma força social, inunda o social e dele é o seu esteio.

---

<sup>28</sup> Ver artigo intitulado *Dobras* na juventude e nomadismo (TAKEUTI, 2012).

## REFERÊNCIAS

CARDOSO JR., Hélio R. **Pragmática menor em Gilles Deleuze**. São Paulo: Ed. UNESP, 2011.

DELEUZE, Gilles. **A Dobra**: Leibniz e o barroco. 1. ed. Campinas: Papyrus, 1991.

DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. **Kafka**: Por uma literatura menor. Rio de Janeiro: Imago editora, 1977.

DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. Introdução: Rizoma. In: \_\_\_\_\_. **Mil Platôs**: Capitalismo e esquizofrenia. São Paulo: Editora 34, 1995a. v 1. p. 11-37.

DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. Um só ou vários lobos? In: \_\_\_\_\_. **Mil Platôs**: Capitalismo e esquizofrenia. São Paulo: Editora 34, 1995b. v 1. p. 39-52.

DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. Micropolítica e segmentaridade. In: \_\_\_\_\_. **Mil Platôs**: Capitalismo e esquizofrenia. São Paulo: Editora 34, 1996a. v 3. p. 83-115.

DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. Como criar para si um corpo sem órgãos. In: \_\_\_\_\_. **Mil Platôs**: Capitalismo e esquizofrenia. São Paulo: Editora 34, 1996b. v 3. p. 9-29.

DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. O liso e o estriado. In: \_\_\_\_\_. **Mil Platôs**: Capitalismo e esquizofrenia. São Paulo: Editora 34, 1997a. v 5. p.179-214.

DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. Conclusão – Regras concretas e máquinas abstratas. In: \_\_\_\_\_. **Mil Platôs**: Capitalismo e esquizofrenia. São Paulo: Editora 34, 1997b. v 5. p. 215-323.

FOUCAULT, Michel. **Em Defesa da sociedade**. São Paulo: Martins Fontes, 1999. Curso no Collège de France (1975-1976).

FOUCAULT, Michel. **Nascimento da biopolítica**. São Paulo: Martins Fontes, 2008. Curso no Collège de France (1978-1979).

FOUCAULT, Michel. **História da sexualidade 1**: A vontade de saber. Rio de Janeiro: Graal, 1988.

FOUCAULT, Michel. O sujeito e o Poder. In: DREYFUS, H.; RABINOW, P. (Org.). **Michel Foucault, uma trajetória filosófica**: para além do estruturalismo e da hermenêutica. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1995. p. 231-249.

FOUCAULT, Michel. **As malhas do Poder**. In: M. B. da Motta (Org.). **Ditos e Escritos VIII Segurança, penalidade, prisão**. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2012. p. 168-188.

KARSENTI, Bruno. Le pouvoir et la résistance. **Multitudes 1**. Majeure 1. Biopolitique et biopouvoir. 2000. Disponível em: <<http://www.multitudes.net/Le-pouvoir-et-la-resistance/>>. Acesso em: 10 set. 2012.

LACAVA, V. F. de A. **Cartografia do close**: platôs de festivais, platôs musicais. 2016. Dissertação (Mestrado em Ciências Sociais) – Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Natal, 2016.

LATOURE, Bruno. Une autre science du social? In: TARDE, Gabriel. **Monadologie et sociologie**. Paris: Empêcheurs de penser rond, 2009. p. 7-16. Disponível em: <<http://www.bruno-latour.fr/sites/default/files/P-136-TARDE-PREFACE-FR.pdf>>. Acesso em: 15 set. 2012.

LATOURE, Bruno. **Reagregando o social**: uma introdução à teoria do ator-rede. Salvador: Edufba; Bauru; São Paulo: Edusc, 2012.

LAW, John. Notes on the theory of the actor-network: Ordering, strategy, and heterogeneity. **Systemic Practice and Action Research Springer**, v. 5, n. 4, p. 37-39, 1992. Disponível em: <<http://www.necso.ufrj.br/Trads/Notas%20sobre%20a%20teoria%20Ator-Rede.htm>>. Acesso em: 13 set. 2012.

LAZZARATO, Maurizio. **Du biopouvoir à la biopolitique**. Multitudes 1, mar. 2000. Majeure 1. Biopolitique et biopouvoir. Disponível em: <<http://www.multitudes.net/Du-biopouvoir-a-la-biopolitique/>>. Acesso em: 15 set. 2012

LAZZARATO, Maurizio. **Puissances de l'invention**. La psychologie économique de Gabriel Tarde contre l'économie politique. Tradução para o espanhol: Ernesto Hernández B. Paris: Seuil, 2002. Disponível em: <<https://pt.scribd.com/doc/190695514/Potencias-de-la-invencion-Lazzarato>>. Acesso em: 15 set. 2012.

LAZZARATO, Maurizio. **Políticas del acontecimiento**. Buenos Aires: Tinta Limón, 2006.

\_\_\_\_\_. **Signos, Máquinas, Subjetividades**. São Paulo: n-1 edições, 2014.

OLIVEIRA, João Batista F. de. **Corpos em mutações cartografia das sexualidades nômades na Praça MITS**. 2016. Dissertação (Mestrado em Ciências Sociais) – Universidade Federal Rio Grande do Norte, Natal, 2016.

SENNETT, Richard. **Carne e pedra: o corpo e a cidade na civilização ocidental**. Rio de Janeiro: BestBolso, 2008.

TAKEUTI, Norma. **No outro lado espelho: a fratura social e as pulsões juvenis**. Rio de Janeiro: Relume-Dumará, 2002.

TAKEUTI, Norma. Saberes em construção: coletivo jovem em formação na sua resistência social. In: PASSEGGI, M. da C.; SOUZA, E. C. de (Org.). **(Auto) biografia: formação, territórios e saberes**. Natal: EDUFRN; São Paulo: Paulus, 2008. p. 203-221.

TAKEUTI, Norma. Movimentos culturais juvenis nas periferias e inventividades sociais. In: MARTINS, P. H.; MEDEIROS, R. de S. (Org.). **América Latina e Brasil em perspectiva**. Recife: Ed. Universitária da UFPE, 2009. p. 331-350. Disponível em: <<https://conexoeshbridas.files.wordpress.com/2015/07/movimentos-culturais-juvenis.pdf>>. Acesso em: 20 set. 2012.

TAKEUTI, Norma. Corpos em movimento no hip hop e devir jovem. In: SILVA, V. L. G. da; CUNHA, J. L. da (Org.). **Práticas de formação, memória e pesquisa (auto) biográfica**. São Paulo: Cultura Acadêmica, 2010a. p. 75-92. Disponível em: <<https://conexoeshbridas.wordpress.com/2015/08/07/corpos-em-movimento-no-hip-hop-e-devir-jovem/>>. Acesso em: 21 set. 2012.

TAKEUTI, Norma. Refazendo a margem pela arte e política. **Revista Nômadas, Bogotá**: Instituto de Estudos Sociais Contemporâneos – Universidad Central, n. 32, p. 13-25, 2010b. Disponível em: <<https://conexoeshibridas.wordpress.com/2015/07/22/refazendo-a-margem-pela-arte-e-politica/>>. Acesso em: 12 set. 2012.

TAKEUTI, Norma. Dobras na juventude e nomadismo. **Latitude** (UFAL), Dossiê Juventudes Contemporâneas, v. 6, n. 1, p. 7-23, 2012.

TAKEUTI, Norma. Intervenção biográfica com jovens em ações coletivas. In: CARRANO, P.; FÁVERO, O. (Org.). **Narrativas Juvenis e espaços públicos**: olhares de pesquisa em educação, mídia e ciências sociais. Niterói: Editora da UFF, 2014.

TAKEUTI, Norma. Associabilidades lisas em sociedades interativas. **Cronos**, Natal: UFRN, v. 16, n. 1. 2016.

TAKEUTI, Norma; BEZERRA, Marlos A. **Trajetórias de um coletivo jovem**: nem só de prática-Gramática da Ira. In: TAKEUTI, N. M.;

NIEWIADOMSKI, C. (Org.). **Reinvenções do sujeito social teorias e práticas biográficas**. Porto Alegre: Sulina, 2009. p. 105-125. Disponível em: <<https://conexoeshibridas.files.wordpress.com/2015/08/gramatica-da-ira-reinvencao-do-sujeito-social.pdf>>. Acesso em: 18 set. 2012.

TARDE, Gabriel. **Les lois de l'imitation**. 1985. Paris: Éditions Kimé, 1993.

TARDE, Gabriel. **Monadologia e sociologia e outros ensaios**. Eduardo Vargas (Org.). São Paulo: Cosac Naify, 2007.

TARDE, Gabriel. **As leis sociais**: um esboço de Sociologia. Niterói: Editora da UFF, 2011.

VARGAS, Eduardo V. Gabriel. Tarde e a diferença infinitesimal. In: \_\_\_\_\_. (Org.). **Monadologia e sociologia e outros ensaios**. São Paulo: Cosac Naify, 2007. p. 7-50.#